

Tribos urbanas



NA CIDADE. Povo Pataxó Hã Hã Hã vive no bairro Santa Luzia, Ribeirão Pires, em contexto urbano; com origem no Sul da Bahia, comunidade tem 75 pessoas, de 27 famílias

TRIBOS urbanas

Maioria dos indígenas da região vive em áreas urbanizadas; povos lutam por visibilidade e garantia de direitos

JOYCE CUNHA
joycecurha@dgbabc.com.br

A crise humanitária no Território Indígena Yanomami trouxe de volta ao centro dos debates a violação dos direitos e a fragilidade das políticas públicas destinadas aos povos originários do Brasil. A exploração ilegal de garimpeiros em áreas protegidas no estado de Roraima mantém em curso o ciclo histórico de crimes contra a população indígena – desde os tempos de ocupação do País pelos colonizadores portugueses.

Em um dos episódios mais recentes e emblemáticos dessa violência, a luta do grupo indígena Pataxó Hã Hã Hã pela demarcação de suas terras, no Sul da Bahia, terminou no assassinato de Galdino Jesus dos Santos, 44 anos, queimado vivo por cinco jovens enquanto dormia em um ponto de ônibus de Brasília.

O caso aconteceu no dia 20 de abril de 1997. Esta foi a data em que a ribeirão-pirense Jaqueline Cardoso de Carvalho, hoje 52 anos, compreendeu sua origem. “Lembro que minha família de lá (Bahia) ligou pra gente, falando pra assistir os jornais. A reportagem ficou vários dias na mídia nacional e

internacional”, recorda. Pela televisão, sua avó reconheceu familiares que foram ao velório de Galdino.

Quando tinha oito anos, Jaqueline se mudou com o pai e os irmãos de Ribeirão Pires para a cidade de Nova Canaã (BA), onde viveu, com a família, até os 15 anos, na Fazenda Jaqueira. “Vivíamos lá com nossa avó e as irmãs dela. Naquela época eu achava que éramos pobres. Não sabia que éramos indígenas. A gente morava em uma casinha de sapê, tomava banho no rio. Eram condições precárias”, lembra.

Até os dias atuais, conta Jaqueline, a região de Nova Canaã é insegura para a população indígena. A violência fez a avó e as tias fugirem de suas terras para a Fazenda Jaqueira. Afirmar, em alto e bom som, a identidade indígena sempre foi um risco. Por isso, entre as crianças, não era permitido falar sobre as origens.

De volta ao Grande ABC ainda na adolescência, Jaqueline é hoje cacica do povo Pataxó Hã Hã Hã, etnia Kariri Sapuá, de Ribeirão Pires. Reconhecida indígena pelo cacique de sua aldeia de origem, a ribeirão-pirense foi eleita a liderança pelo grupo que representa, formado por 75 indígenas de 27 famílias. Todos moram no bairro Santa Luzia, em contexto urbano.

Em toda a região, de acordo com o Censo 2010, levantamento demográfico mais recente disponível neste momen-

to, 2.351 indígenas vivem nas áreas urbanas dos sete municípios. Muito distante da mira dos garimpeiros, a principal luta destes povos da ‘cidade’ é pela garantia de direitos.

“Durante a pandemia, tivemos negada a aplicação da vacina prioritária aos povos originários, mesmo apresentando na UBS (Unidade Básica de Saúde) a declaração de indígena”, exemplifica a cacica.

Situações semelhantes foram enfrentadas por indígenas em contexto urbano da região e de todo o País. “Muitos lugares só vacinaram o indígena que estava na aldeia. E teve indígena que precisou ir à aldeia, sendo que tinha uma UBS perto da casa dele”, afirma Marcos Aguiar, coordenador da Instituição Índios na Cidade, da Opção Brasil, e do Coletivo Índios na Cidade, do Instituto Social e Cultural do Brasil.

O especialista destaca, entre os desafios dos indígenas em contexto urbano, a falta de visibilidade e acolhimento. “Temos que trabalhar o diálogo da cultura indígena na cidade. Falamos muito também sobre geração de renda, trabalho. Sobre o acesso às políticas públicas como cotas nas universidades. Indígena é indígena em qualquer lugar”, ressalta Marcos.

Brenda Carvalho, 14, filha da cacica Jaqueline, tem orgulho das origens e levará adiante as tradições familiares. “Ser indígena significa carregar a luta do nosso povo”, declara a jovem.



LIDERANÇA. Cacica Jaqueline Idera Pataxós Hã Hã Hã de Ribeirão Pires

Indígenas de aldeias da região destacam falta de estrutura e vulnerabilidade

Conseguir contato com Lídia Krexu Reté Veríssimo, 48 anos, líder dos Guarani Mbya, não é tarefa simples. Durante quase duas semanas, a equipe do Diário buscou a liderança da aldeia Brilho do Sol – Kuaray Rexaká para conversar sobre os desafios dos povos que vivem na Terra Indígena Tenondé Porá. Além da Brilho do Sol, fazem parte deste território protegido pela Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), na região, as aldeias Nhamandu Mirim e Guyrapaju. Essas são as três únicas comunidades indígenas fora de contexto urbano do Grande ABC, todas localizadas no Pós-Balsa, em São Bernardo.

Apesar de terem acesso à internet, via Wi-Fi, inclusive, nos últimos dias os indígenas da Kuaray Rexaká ficaram sem energia elétrica. A dificuldade de comunicação e de acesso às casas da aldeia, por uma trilha estreita e íngreme em meio à mata fechada, estão entre os pontos indicados por Lídia como problemas para quem vive no local.

A falta de infraestrutura básica somada à vulnerabilidade social das 17 famílias da Brilho do Sol estão entre as razões que limitam o desenvolvimento da comunidade. “Tem muita gente que quer ajudar, mas não tem como, porque não tem estrada e o carro não chega. Todo mês a gente enfrenta a trilha”, conta Lídia.

As terras da Brilho do Sol não são adequadas ao cultivo de alimentos, explica a líder dos Guarani Mbya. Os moradores da aldeia dependem de programas sociais. Cada família recebe cartão de R\$ 100 ao mês, além de cesta básica de alimentos. “Mas tem família com quatro, cinco crianças. Não dá para duas semanas”, afirma. Ainda assim, a principal reivindicação é por educação. “Queria que nossos jovens pudessem estudar, porque sem estudo não se faz nada”, completa.

A prefeitura de São Bernardo informou que realiza atualização do mapeamento dos indígenas e que possui programas de apoio social, de saúde e educação, especialmente na região do Pós-Balsa, inclusive com a implantação, em 2021, do Polo Avançado de Assistência Social. Diadema destacou a ampliação da participação dos indígenas na construção de políticas públicas. As demais cidades pontuaram ações específicas para esta população que vive em contexto urbano. JC



BRILHO DO SOL. Na aldeia Kuaray Rexaká, indígenas enfrentam problemas estruturais e sofrem com vulnerabilidades sociais; vizinha de área urbana, comunidade tem acesso a tecnologias

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades **Página:** 4